A FORMAÇÃO NEOLÓGICA EM TEXTOS JORNALÍSTICO ESCRITOS EM LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA NO ESTADO DE ALAGOAS NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XX.

Pedro Antônio Gomes de MELO

1 APRESENTAÇÃO

Os neologismos são algo de necessário à sociedade contemporânea, participante de mudanças e ávida por novidades. Estas novas formações vocabulares são responsáveis pelo crescimento lexical da língua, dando ao sistema linguístico expansão, pois as línguas vivas, isto é, "que serve de instrumento diário de comunicação entre os indivíduos componente de uma nação" (SILVA, 2010, p. 15) não podem ficar na inércia, precisam crescer, precisam acompanhar as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passa uma nação, para que possam servir de instrumento atualizado de iteração social.

Neste artigo, faremos uma reflexão sobre a neologia, seguida de uma exposição dos processos responsáveis pela dinâmica léxica do português contemporâneo na formação e/ou criação de neologismos na linguagem jornalística em sua modalidade escrita na última década do século XX no Estado de Alagoas.

Como forma de delimitarmos o campo de observação do fenômeno linguístico investigado, optamos pelo exame de textos jornalísticos escritos, pois a imprensa escrita periódica possui uma linguagem dinâmica, resultado da necessidade de sua constante atualização para informar seus leitores, como também para exprimir situações novas ou noticiar novas ideias e objetos criados, consequentemente, formando palavras novas.

É oportuno ressaltarmos que a nossa opção pela investigação do léxico a partir da modalidade escrita, no presente artigo, não significa a falta de consciência do valor linguístico da modalidade falada para os estudos da língua(gem), mas, para o propósito deste trabalho de cunho lexicológico e/ou lexicográfico, essa nos pareceu ser a escolha mais apropriada.

Para Matoré (1972), essas duas disciplinas que estudam o léxico mantêm necessariamente uma forte relação de interdependência e complementaridade entre si. Apesar da relação de completude entre elas, Nunes explica-nos que, a distinção fundamental entre "Lexicologia e Lexicografia está no fato de que a primeira, com o estudo do léxico, desenvolve um saber especulativo, enquanto que a segunda, com a produção de dicionários, caminha para o desenvolvimento de um saber prático" (NUNES, 2006, p. 149).

O princípio adotado neste estudo, como discernimento para reconhecermos uma palavra como nova no acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil, foi o critério do não-registro dessa unidade lexical nas seguintes obras: *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009) e *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2009), que são, após o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, conhecidos dicionários de palavras do português contemporâneo.

Admitimos o critério da não-dicionarização como caráter neológico de uma palavra, pois concordamos com Carvalho (1983, p. 48), quando afirma que "o dicionário é a fonte segura do estudo do léxico. A ele recorremos, quando hesitamos quanto à grafia e o significado de um termo". Sendo assim, os vocábulos já registrados nos citados dicionários de palavras do português brasileiro não terão *status* de neologismos nas observações realizadas neste estudo.

Finalizando esta apresentação, destacamos que a neologia consiste em um tema fundamental para descrição do léxico segundo uma ótica científica, contribuindo para um melhor entendimento desse sistema, visto que sua evolução lexical, embora constante, passa despercebida ao próprio usuário da língua geral.

Na verdade, a língua é neológica por natureza, já que toda sociedade evolui, consequentemente também evolui o seu sistema linguístico, sendo incontestável que a língua se vale fundamentalmente de mecanismos lexicais, em *lato sensu*, para cumprir os propósitos comunicativos de interação social entre seus usuários.

Os dados que compuseram a amostragem da linguagem jornalística escrita na imprensa periódica do Estado de Alagoas na última década do século XX foram coletados em dois momentos cronologicamente distintos. A primeira coleta de dados foi realizada no período de março a julho de 1996 nos jornais: *Gazeta de Alagoas, O Jornal* e *O Diário.* O segundo momento da coleta de dados correspondeu ao período de julho a

dezembro de 1998. Foram seguidos os mesmos procedimentos metodológicos adotados na primeira coleta, salvo a substituição do periódico *O Diário* pelo jornal *Tribuna de Alagoas*, pois aquele não circulava mais no Estado de Alagoas.

Este *corpus* foi resultado de uma pesquisa de mestrado em Linguística realizada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Neste artigo, utilizaremos apenas alguns exemplos de neologismos detectados no referido *corpus* para ilustramos as reflexões aqui apresentadas. Julgamos suficiente o uso de até 4 (quatro) ocorrências de neologismos, quando possível, para ilustrarmos cada processo de formação de palavras novas, já que se torna desaconselhável um número maior de exemplificações por sobrecarregar o texto.

2 O LÉXICO E A FORMAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA EM SUA VARIANTE BRASILEIRA

O léxico consiste no inventário aberto de palavras de que uma dada língua dispõe. De forma geral, podemos considerá-lo como sinônimo de vocabulário. Na verdade, o vocabulário é o léxico individual de um dado falante/ouvinte.

Léxico e vocabulário se encontram em relação de inclusão, isto é, o vocabulário é sempre uma parte, de dimensões variáveis conforme a solicitação do momento, do léxico individual, que por sua vez, faz parte do léxico global.

Conforme Katamba, "o léxico não é uma lista passiva de palavras e de seus significados, mas um lugar cheio de vitalidade em que as regras são usadas ativamente para criar novas palavras" (KATAMBA, 1993, p. 99) Trata-se de um repertório aberto, quer dizer, capaz de se enriquecer e se ampliar sempre.

Filologicamente, estudos lexicais possibilitam não apenas conhecermos a língua em si mesma, mas também, questões extralinguísticas relacionadas às comunidades que a fala, ou seja, estudar o léxico implica também resgatar a cultura de um povo. Isquerdo & Krieger (2004, p.11) explicam-nos que "como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história".

Do ponto de vista sociolinguístico, Biderman (1981) concebe o léxico como o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da

herança cultural. Partindo dessa abordagem, o léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e explicar seus pensamentos e ideias.

O sistema lexical de uma dada língua dispõe de diferentes regiões linguísticas, a saber: as gírias (linguagem comum a um mesmo grupo social); os jargões (vocabulário típico de uma dada especialidade profissional); os estrangeirismos (palavras estrangeiras incorporadas à língua); os arcaísmos (vocábulos e/ou expressões que caíram em desuso) e os neologismos (palavras recentemente formadas e/ou criadas).

Segundo Carvalho (2009, p. 19), o léxico é "a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não-linguística"; o léxico reflete a cultura da comunidade, a qual serve de meio de expressão, visto que, no momento em que se cria algo de novo ou surgem novos fatos sócio-político-culturais, há uma necessidade de nomeá-los, formando-se novas palavras; esses itens lexicais, por serem uma criação individual, podem ser aceitos ou não, ter vidas breves, caindo no esquecimento.

A constituição do acervo lexical do Português é basicamente latina. A Língua Portuguesa representa o estado atual do *sermo vulgaris* passado por inúmeras transformações na Lusitânia; por isso não é de estranhar que a língua dos romanos constitua o substrato de nossa língua. O idioma dos romanos sobrevive nas atuais línguas românicas como antecedente imediato dessas línguas, sua dinâmica lexical se apresenta como um fenômeno linguístico de caráter universal, já que todas as línguas vivas estão em constante transformação e ampliação. Isso ocorre de maneira lenta e gradual que geralmente passa despercebida ao falante/leitor. (MELO, 2008)

No entanto, não só do acervo latino se valeu a Língua Portuguesa, já que houve também a influência de outros idiomas de povos invasores (ou não-invasores), em seu acervo lexical. Podemos detectar a existência de elementos aloglóticos pré-romanos e pós-romanos, introduzidos na fase da formação da língua; elementos aloglóticos das modernas línguas europeias, latinas e não-latinas; elementos aloglóticos de línguas extraeuropeias, resultado dos descobrimentos (CARVALHO, 2009).

E, dada às condições de ocupação e colonização, houve também na Língua Portuguesa, variante usada no Brasil, uma grande influência dos substratos indígenas e dos falares africanos, justamente no campo lexical, pelas necessidades comunicativas

surgidas. Portanto, também se enriqueceu a Língua Portuguesa do Brasil de uma gama considerável de palavras não registradas no Português falado em outros continentes.

No que diz respeito a palavras não vernáculas, ou seja, aos empréstimos e aos estrangeirismos, podemos afirmar serem muito frequentes no mundo moderno, sobretudo os anglicismos, que se vêm propagando por todas as línguas, em virtude do papel hegemônico exercido pelos Estudos Unidos da América. Assim sendo, decorrentes de contato interlinguístico, não poderia ser diferente no sistema lexical do português brasileiro contemporâneo.

De fato, o idioma inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia, por conseguinte, representa uma fonte lexical muito fecunda na formação do léxico das línguas modernas. A frequência dos anglicismos, no acervo português do Brasil, demonstra a relação da língua com o mundo exterior; na medida em que há mudanças de ordem econômica entre as nações, essas modificações se refletem também no sistema linguístico, sobretudo em seu léxico.

Assim, os estudos diacrônicos mostram que a incorporação de unidades léxicas neológicas representa o desenvolvimento do léxico dos idiomas. Essas transformações linguísticas são motivadas também por influências de fatores de natureza diversas: geográfica, sociocultural, histórica, entre outros. Esse desenvolvimento lexical se faz através dos processos de formação de palavras, portanto com os recursos linguísticos que a própria língua oferece.

Essa ampliação e/ou renovação lexical pode ser condicionada por fatores externos e internos à língua. No âmbito dos primeiros, as evoluções sócio-econômico-culturais parece-nos ser um dos elementos extralinguísticos mais atuantes nesse processo de dinamização lexical junto com a criatividade comunicativa dos falantes. Esse desenvolvimento modifica o meio, faz com que o homem, envolvido no processo de evolução, crie e reformule certos termos e expressões linguísticas. Já em relação aos internos, parece-nos que os mecanismos derivacionais proporcionam aos usuários diversas possibilidades nas combinações para formação lexical, tornando-se mais produtivos na função de criar neologismos.

Em suma, a língua está sempre recebendo forças externas e internas em sentidos opostos, não-excludentes, mas complementares. As primeiras dão um cunho novo à expressão são as forças dinâmicas da linguagem. As segundas asseguram a sua

conservação, são as forças conservadoras da linguagem, responsáveis pela impressão de que a língua em uso encontra-se estática. Todavia, temos conhecimento que só aparentemente a língua se apresenta inerte. Em outros termos, Freitas (2007) explica-nos que, toda língua é o produto de forças que sobre ela atuam: a centrífuga, que corresponde à força externa, e a centrípeta, que corresponde à força interna.

Desse modo, A inovação lexical, ampliando e/ou renovando o léxico, torna-se verificável na medida em que signos linguísticos são criados e/ou formados ou sofrem modificações e/ou acréscimos em seus significados. Trata-se de um processo inerente à língua e não uma ameaça à sua continuidade.

Na verdade, essa dinâmica é uma característica necessária a todas as línguas e poucos se dão conta dessa evolução, porque é feita de modo inconsciente e coletivo. No entanto, o aparecimento de novos termos e significados é fácil de ser constatado, sobretudo nos meios de comunicação escrita.

Para corroborar o supradito, faz- se necessário citarmos Barbosa quando afirma que:

> É lícito definir a norma do universo léxico como o lugar de equilíbrio dinâmico, o lugar do conflito e o epicentro da tensão entre aquelas forças contrárias. Esse equilíbrio e essa tensão são observáveis com clareza, em qualquer etapa sicronicamente considerada de uma língua, por três aspectos: a conservação de grande parte do léxico, o surgimento de novas unidades lexicais, o desaparecimento de outras. Distinguem-se, entre as unidades que permanecem as que apresentam freqüência de atualização estável, crescente ou declinante (BARBOSA apud ISQUERDO & OLIVEIRA, 1998, p. 34).

3 PROCESSOS LEXICAIS FORMADORES DE NEOLOGISMOS NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA ESCRITA NA IMPRENSA PERIÓDICA DO ESTADO DE ALAGOAS NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XX

Toda língua se constitui fundamentalmente por duas classes de palavras: as que refletem o universo extralinguístico, nomeando as coisas, as qualidades e os processos, cujo grupo constitui o léxico – um sistema aberto em constante ampliação; e

as que funcionam apenas dentro do sistema linguístico, aquelas palavras de significação interna como os morfemas gramaticais, responsáveis pela organização e estrutura da língua.

Os processos neológicos de formação lexical, registrados em textos jornalísticos escritos na mídia impressa, são os mecanismos pelos quais os novos itens lexicais do sistema aberto são formados e/ou criados na língua. Esses recursos linguísticos atuam em nível fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical.

No português contemporâneo, variante usada no Brasil, os processos mais produtivos na formação neológica são a Derivação e a Composição, que, apesar de completamente diferentes no procedimento de formar palavras, unem-se na função de formá-las e, consequentemente, tornam-se os mais fecundos na ampliação e/ou renovação do acervo lexical do sistema linguístico em questão.

A derivação consiste no mecanismo pelo qual as novas unidades lexicais são formadas a partir da anexação de afixos (prefixo e/ou sufixo) a uma base autônoma, como nos exemplos de neologismos nos enunciados (01) e (02), respectivamente.

(01) "Uma **superagência** oficial formada por funcionários da Polícia Federal." (O Diário, 05/06/1996, p. 7, grifo nosso)

(02) "Sempre pode ser **dorotheizado** a qualquer instante." (O Diário, 09/05/1996, p. A-10, grifo nosso)

Basilio (2007) explica-nos que os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação.

Vale destacarmos que todo processo derivacional ocorre em torno de uma só palavra primitiva, de um só radical. A tradição gramatical considera afixos apenas as formas presas (não-autônomas). Todavia, registram-se ocorrências de palavras novas formadas a partir de unidades léxicas que não são reconhecidas como prefixos, mas palavras autônomas com categorias gramaticais definidas. Porém, podem ser detectadas na função prefixal, sendo assim inclusas na derivação, formando neologismos. Dentre esses itens lexicais as formas *mal-*, *não-* e *recém-*, tradicionalmente classificados como

advérbios ou substantivos, e *com-* classificado como preposição anexam-se a bases autônomas, não com a função de adjunto, mas para formarem novas unidades lexicais. Podemos observar esses casos nas sentenças (03), (04), (05) e (06):

(03) "e os novo Deputados e Senadores não querem que lhes caiam nos ombros a possível culpa de alguma coisa **mal-elaborada**, **maldiscutida** ou **malredigida**." (O Jornal, 11/11/1998, p. A / 2, grifo nosso).

(04) "A decisão foi tomada ontem em protesto contra a **não-implantação** do piso de três mínimos pelo governo." (O Jornal, 08/10/1998, p. capa, grifo nosso).

(05) "Há poucos dias, recebi visita do **recém-empossado** Ministro da Justiça paraguaio." (O Jornal, 01/11/1998, p. A / 2, grifo nosso).

(06) "Os **com-terra**, com cristo! os sem-terra, com Calixto." (Gazeta de Alagoas, 16/06/1996, p. A-2, grifo nosso).

Na Língua Portuguesa do Brasil, geralmente, os morfemas prefixais não mudam a categoria gramatical da base a que se unem. Entretanto, é possível registrarmos em textos jornalísticos escritos na última década do século XX, os prefixos *anti-* e *macro-* unidos a uma base substantiva atribuindo-lhe função de adjetivo, ocorrendo o processo de recategorização. Portanto, podemos afirmar que em certos casos os prefixos mudam a classe da palavra a que se agregam na função de formar neologismos.

(07) (...) "mas fez a maioria no Senado, aliás uma **superbancada**, com 28 senadores a partir de 1999." (O Jornal, 27/10/1998, p. A / 2, grifo nosso).

(08) (...) "criou ontem por decreto cinco novos ministros: Comunidade de Estados Independentes (CEI), Comércios, Assuntos Regionais, Assuntos Nacionais e um encarregado da política **antimonopólios**." (Tribuna de Alagoas, 23/09/1998, p. 14, grifo nosso).

(09) "A comissão especial de inquérito da Câmara Municipal de Maceió pôs o ventilador na **macrodrenagem** e insiste em levantar a denúncia de **macrofatura** (...) para evitar o suposto **macroprejuízo**." (Gazeta de Alagoas, 06/09/1998, p. A 4, grifo nosso).

(10) "Campanha **pró-Alagoas** repercute no congresso." (O Diário, 16/07/1996, p. capa, grifo nosso).

Acreditamos que essas unidades estejam se "gramaticalizando" como prefixos, ampliando, assim, os recursos comunicativos da língua, sobretudo para expressar novos conceitos, surgidos a partir do desenvolvimento político, econômico e social.

O processo de formação derivacional subdivide-se em prefixal, sufixal, parassintética e regressiva. Porém, na tradição gramatical, acrescenta-se como processo de formação derivacional a conversão, denominada pela nomenclatura gramatical brasileira como derivação imprópria.

No entanto, a conversão é um processo com características próprias, pois não há anexação de afixos à nova palavra formada, nem há redução de elementos em sua formação mórfica, a nova palavra é formada pela recategorização, isto é, pela mudança de sua categoria gramatical. Portanto, não se trata de um processo derivacional; além do mais, no fenômeno da conversão ocorre um processo semântico e não morfológico que é a caracterização do processo derivacional. É o contexto em que está inserida a unidade lexical que nos permite observar o fenômeno da conversão (BASÍLIO, 2007).

(11) "O Deputado Federal José Thomaz Nonô (PSDB) diz que está mais à vontade com sua nova função dentro do partido **tucano**." (Gazeta de Alagoas, 09/05/1996, p. A - 3, grifo nosso).

(12) "O Partido Verde (PV) e o Partido da Social Democracia (PSD) já decidiram que vão lançar candidato **laranja** à Prefeitura de Maceió." (Gazeta de Alagoas, 16/06/1996, p. A - 5, grifo nosso).

Do ponto de vista linguístico, as unidades léxicas tucano e laranja, *a priori,* são classificados morfologicamente como substantivos que designam objetos (pássaro e fruta, respectivamente). Entretanto, nos enunciados (11) e (12) funcionam como adjetivos, caracterizando os substantivos a que se referem.

No processo de derivação prefixal, a nova palavra é obtida a partir da anexação de um prefixo a uma base. Já na derivação sufixal, a nova forma lexical é formada a partir da anexação de um sufixo a uma base. "Na Língua Portuguesa, os sufixos lexicais servem principalmente para acrescentar a um termo a ideia de grau e a de aspecto, ou para transformar uma palavra de uma classe para outra" (CARVALHO, 1983, p. 79).

Ao contrário do que ocorre com os prefixos que guardam certo sentido, de maneira mais ou menos clara, com relação ao sentido da palavra primitiva, os sufixos, geralmente vazios de significação, têm por finalidade formar paradigmas de palavras da mesma categoria gramatical.

(13) "**Tucaneando** - Na última quarta-feira, 16 de maio, dia da emancipação política de Cururipe" (...) (Gazeta de Alagoas, 19/05/1996, p. A – 4, grifo nosso).

(14) "O que mais dificulta a **bolização** dos políticos é o fato de o parlamentar-candidato não ter opção de licenciar-se." (Gazeta de Alagoas, 29/05/1996, p. A – 4, grifo nosso).

(15) **"Prefeitável** - O deputado estadual Luciano Amaral comanda também o diretório municipal do PSDB em Major Isidoro." (O Diário, 24/05/1996, p. 3, grifo nosso).

Na derivação regressiva, a nova unidade lexical é formada pela redução da palavra primitiva. Em outros termos, ocorre o fenômeno da derivação regressiva quando a criação e/ou formação do neologismo deve-se à supressão de um elemento considerado de caráter sufixal. Esse processo torna-se importante na formação de

substantivos derivados de verbos que são chamados de deverbais e são sempre abstratos.

Esse procedimento de formação de palavras se opõe às derivações prefixal e sufixal que são progressivas, pelo fato de haver redução de uma palavra já existente. Faz-se mediante supressão de elementos terminais (sufixos ou desinências). Conforme os dados coletados neste trabalho, a derivação regressiva não apresentou produtividade lexical na formação de neologismos na linguagem jornalística escrita na imprensa do Estado de Alagoas.

A derivação parassintética ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de afixos (prefixo e sufixo) ao mesmo tempo a uma base, de forma que a exclusão de um ou de outro morfema derivacional resulta numa formação lexical inaceitável na Língua Portuguesa. Nesses neologismos ambos os afixos são corresponsáveis pela nova acepção que se introduz. Logo, o que distingue a derivação parassintética dos outros processos derivacionais é o fato de o acréscimo dos afixos ser simultâneo, como ocorre nas palavras destacadas na sentença (16).

(16) "Deve ser esse **neoburrismo** ou **neocavalismo**, de que falo." (Gazeta de Alagoas, 09/05/1996, p. A-2, grifo nosso).

O prefixo *neo-* e o sufixo *–ismo* afixaram-se simultaneamente a uma base nominal formando um novo vocábulo. Percebemos que a exclusão de um ou de outro afixo dessas unidades lexicais neológicas apresentadas resulta numa forma lexical não existente no léxico português.

No caso de formação lexical por composição, o novo item lexical é formado a partir da junção de mais de uma base autônoma para obtenção de uma nova palavra. Enquanto, na derivação, o processo de formação envolve afixos, que são elementos fixos, na composição, ao contrário, o procedimento de formar palavras envolve a união de uma base à outra. Convém assinalarmos que na palavra composta, os elementos primitivos perdem a autonomia de significação em benefício de uma unidade semântica, isto é, um único conceito, novo, global. Essas composições lexicais desempenham função de palavras, tendo-se unidades sintáticas se cristalizando numa função morfológica ou lexical.

O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam e/ou aglutinam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura. Essa é sintática, diferentemente do que ocorre nos casos de derivação.

No processo de formação neológica composicional, podemos distinguir duas formas de composição: a justaposição e a aglutinação. Nos compostos formados de palavras ou radicais pertencentes a classes gramaticais diferentes, de estruturas sempre binárias, tem-se um elemento que é o principal, o núcleo, e um elemento que é o especificador, o adjunto. São, portanto, compostos determinativos ou subordinativos.

Na formação dos compostos por justaposição, também denominada de composição perfeita, não há alteração morfo-fonética e/ou gráfica nas bases que se unem para formar a nova palavra. Nas palavras justapostas, os termos associados não conservam a sua individualidade semântica, mas apenas sua individualidade formal.

(17) "Se depender das atuais perspectivas, a candidatura de Ronaldo Lessa vai disputar com o **ex-prefeito-tampão** o segundo turno." (O Jornal, 09/06/1996, p. A - 3, grifo nosso).

(18) "Já que nunca passava de 10% chegou a ser chamado de **candidato-garçom** em comparação à gorjeta dada a esses profissionais." (O Jornal, 11/10/1998, p. A / 3, grifo nosso).

(19) "com o advento do voto eletrônico, o que substituirá a expressão **'poca-urna**'? será **'queima-computador**' ou '**explode-chip**'?" (O Jornal, 04/10/1998, p. A / 3, grifo nosso).

(20) "Ambos com discagem gratuita, que fazem parte da Central de Atendimento (**disque-seca**) montada pela SUDENE." (Tribuna de Alagoas, 13/11/1998, p. 5, grifo nosso).

Já na formação dos compostos por aglutinação há perdas morfo-fonéticas e/ou gráfica nas bases (ou em uma das bases) que formam o novo vocábulo, ficando subordinado a uma única acentuação prosódica, ordinariamente a do último vocábulo.

(21) (...) "inaugurou também um laboratório médico e um centro de saúde bucal (**escovódromo**)." (Gazeta de Alagoas, 11/05/1996, p. D -14, grifo nosso).

(22) "Entre os projetos de nascimento em defesa dos direitos homossexuais está a criação de um **namoródromo** gay." (Gazeta de Alagoas, 22/06/1996, p. A - 2, grifo nosso).

(23) "Dignidade para os **Brasiguaios**." (O Jornal, 08/11/1998, A / 9, grifo nosso).

Nos neologismos compostos, esses itens lexicais juntos fazem parte de uma só classe de palavra formando uma nova palavra-base, em que prevalece a unidade semântica. Em outros termos, esses compostos constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical, como foi exemplificado nos enunciados (17), (18), (19), (20), (21), (22) e (23).

Além dos dois processos principais na formação neológica na função de formar palavras novas, derivação e composição. Há outros mecanismos linguísticos, embora menos gerais, usados pelo falante no procedimento de formar novas palavras, que também contribuem para o enriquecimento do acervo lexical da Língua Portuguesa, a saber: hibridismo, a abreviação vocabular, a acrossemia, a conversão, as formações onomatopaicas e o redobro.

Esses procedimentos lexicais são normalmente pouco abordados nos compêndios gramaticais modernos, como também nas gramáticas tradicionais, que pecam pela sumaridade e pela insuficiência de análise. (BUENO, 1968; ALMEIDA, 1985; MESQUITA, 1996; LIMA, 2000; CUNHA; CINTRA, 2008; BACHARA, 2009; entre outros).

O hibridismo consiste no processo de formação lexical no qual a nova palavra é composta a partir de elementos de sistemas linguísticos diferentes. Por

exemplo, nas sentenças (24) e (25), detectamos elementos linguísticos do português e do inglês nas formações neológicas.

(24) "Os moradores do conjunto Stella Maris estão revoltados com a possibilidade de o **PM-Box** que eles próprios construíram no residencial ser transferido para outro local." (O Jornal, 10/11/1998, p. A / 3, grifo nosso).

(25) "com o advento do voto eletrônico, o que substituirá a expressão 'poca-urna'? será 'queima-computador' ou '**explode-chip**'?" (O Jornal, 04/10/1998, p. A / 3, grifo nosso).

A abreviação vocabular é um caso particular da derivação regressiva, mas com características linguísticas próprias. Genericamente, o processo derivacional regressivo ocorre também através da mudança da categoria gramatical (recategorização), já no caso da abreviação, apesar de ocorrer redução do vocábulo, esse permanece na mesma classe de palavra da unidade lexical reduzida. Na derivação regressiva há redução específica: elimina-se no vocábulo derivado o sufixo ou a desinência do derivante, no caso da abreviação, a redução não se pauta por critérios específicos e homogêneos, podendo a unidade lexical nova ser obtida a partir da redução ao prefixo ou corte de sílabas, como ocorre nos trechos (26) e (27).

(26) "Decisão do TC reabre debate sobre a **macro** (macrodrenagem)". (O Jornal, 11/11/1998, p. A / 4, grifo nosso).

(27) "Mas, se as **micro** (microempresa) e pequenas empresas são as usinas geradoras de pontos de trabalho." (O Jornal, 30/12/1998, p. A /2, grifo nosso).

Pensamos que o procedimento de reduzir vocábulos na formação de unidades lexicais novas vem ratificar o aspecto dinâmico da língua, visto que, evidentemente, são palavras longas que sofrem redução a favor da comunicação mais ágil e mais rápida, até limites que não prejudicam a compreensão destes signos linguísticos na linguagem jornalística em sua modalidade escrita.

A acrossemia constitui um tipo especial de formação de vocábulos e de fecundidade lexical relevante na Língua Portuguesa hodierna, na qual a unidade lexical nova pode ser formada a partir da redução de uma expressão substantiva a seus elementos: letras, sílabas iniciais, mediais ou sinais. Trata-se, portanto, de um mecanismo fonomorfológico de criação lexical que nem sempre os fonemas são encadeados nos significantes desses signos linguísticos, todavia, segue o princípio de linearidade, nessa particularidade reside toda vitalidade do processo acrossêmico na língua e sua produtividade lexical.

Alves (1990, p. 56) afirma que esse tipo de formação lexical "é resultado da lei de economia discursiva. O sintagma é reduzido de modo a torna-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação", porém, somente exerce tal papel se essas formações forem identificadas pelo receptor. Essa identificação dependerá da competência linguística e, mais ainda, do conhecimento de mundo do mesmo.

Por serem práticas e cômodas aos usuários da língua, as siglas e os acrônimos "estão se multiplicando cada vez mais na língua portuguesa contemporânea do Brasil e fazem parte quase que insubstituivelmente em textos escritos e/ou falados em quase todos os níveis de uso da língua" (MELO & BRITO, 2009, p. 135).

Nos enunciados a seguir, temos registros de neologismos criados com siglas nas frases (28) e (29) ou derivados dessas unidades lexicais (siglas ou acrônimos) nas frases (30) e (31).

Siglas: FHC – (Fernando Henrique Cardoso) + FMI – (Fundo Monetário Internacional)
(28) "Sai hoje o pacote **FHC-FMI**." (O Jornal, 28/10/98, p. Capa, grifo nosso).

Sigla: PHD – (*Philosophiae Doctor*) + DEUS (substantivo masculino concreto)
(29) "Comandados por **PHDeuses**," (...). (Gazeta de Alagoas, 18/06/1996, A -2, grifo nosso).

Acrônimo: IBOPE – (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) + -ANO (sufixo popular)
(30) "Os erros **ibopeanos**." (O Jornal, 11/10/1998, p. B / 8, grifo nosso).

Sigla: PDV – (Programa de Demissão Voluntária) + -ISTA (sufixo grego de *istés*)
(31) "Estado começa pagar amanhã a indenização de 350 **pedevistas**." (O Jornal, 21/07/1998, p. A / 3).

Quanto à aceitabilidade no acervo da língua dessas formas neológicas, entendemos como um indício de que as formações acrossêmicas já se encontram no domínio linguístico popular, o fato de os acrônimos e as siglas derivarem palavras novas, revelando sua integração no acervo lexical do Português. Por conseguinte, sendo reconhecidas na formação lexical como verdadeiras palavras.

O processo de redobro ou reduplicação se apresenta como um recurso de caráter morfológico, no qual o neologismo é obtido a partir da repetição ou reduplicação completa ou parcialmente da base que formará a nova palavra. Em outros termos, consiste na criação de forma lexical pela repetição de outra preexistente, sem ou com alteração de sua estrutura fônica. Nos enunciados (32) e (33), há registro de neologismos formados através redobro total e nos enunciados (34) e (35) neologismos formados por reduplicação parcial.

(32) "**Tempo-ao-tempo** - o PFL vai esperar 31 de maio para decidir como enfrentar a eleição." (O Jornal, 16/05/1996, p. A – 2, grifo nosso).

(33) "Ele mesmo, o **catorze-catorze**, a confraria mandou confeccionar o troféu e vai mandar para Brasília." (O Jornal, 09/10/1998, p. A / 3, grifo nosso).

(34) "A turma **'collorida'** montou uma farsa" (O Jornal, 14/07/1996, p. A - 13, grifo nosso).

(35) "Fenômeno não foi a eleição, será a **vollta**." (OJ, 18/04/1996, p. A - 2, grifo nosso)

No caso das formas das sentenças (34) e (35) de repetição parcial, os neologismos foram formados pela duplicação da consoante lateral (l) com uma conotação semântica relacionada ao ex-presidente da República Federativa do Brasil

Fernando Collor de Mello. A repetição do grafema "l" nas palavras remetem aos dois lls do sobrenome da referida personalidade política brasileira.

É pertinente destacarmos que os elementos repetidos (letras, sílabas ou palavras) não apresentam interesse quanto à questão das relações sintáticas. Todavia, são relevantes quanto às relações semântico-fonéticas da língua. Por conseguinte, a característica essencial do redobro consiste em concatenar duas ou mais formas explorando o efeito semântico, gráfico e/ou sonoro daí decorrente. Esse recurso linguístico era muito comum na morfologia do indoeuropeu.

As formações onomatopaicas ou onomatopeias são palavras que procuram imitar sons, voz ou ruídos de objetos ou animais, contudo não há uma idêntica reprodução do som ou ruído originário pelo vocábulo criado, mas apenas uma aproximação destes.

(36) "O **plim-plim** da emissora de Roberto Marinho não quer se tornar alvo de campanha política na seara alagoana." (Gazeta de Alagoas, 24/04/1996, p. 3, grifo nosso)

Para Alves (1990, p. 12), a criação onomatopaica "está calcada em significantes inéditos. Entretanto, (...) não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade lexical criada e certos ruídos ou gritos". Podemos considerar uma arbitrariedade relativa em oposição a uma arbitrariedade absoluta e esse tipo de neologismo é pouco comum na linguagem jornalística impressa no Estado de Alagoas, pois, geralmente os neologismos têm sua gênese em formas linguísticas pré-existentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos abordados no presente artigo, envolvendo a formação neológica na linguagem jornalística escrita na última década do século XX no Estado de Alagoas, permitem-nos tecer algumas considerações finais.

Primeiramente, a neologia está presente na língua, também de maneira efetiva na modalidade escrita, contribuindo à ampliação e/ou renovação do léxico. Pode ser considerada como um fenômeno linguístico de caráter universal, uma vez que toda língua viva se expande, se transforma, evolui, sobretudo seu acervo lexical.

Esses vocábulos novos atestam a criatividade comunicativa e a necessidade de novas unidades lexicais na função de nomear a realidade extralinguística do usuário da língua, ou seja, o aparecimento de novas realidades sócio-econômico-culturais geralmente, propicia e, às vezes, até obriga, a criação de neologismos em favor da economia discursiva.

Todavia, para formarmos uma palavra nova, não basta apenas a criatividade: torna-se necessário, também, obedecermos a certas regras inerentes à língua para compormos os vários segmentos que formam a estrutura da nova unidade lexical. Caso contrário, seria impossível decodificá-la. No entanto, acreditamos que essas normas ou regras de formação de palavras não são conscientes no usuário (leitor/escritor) no momento da formação lexical.

Essa dinamicidade léxica está condicionada a fatores externos e internos à língua. Na verdade, uma língua está sempre recebendo força centrífuga e força centrípeta em sentidos opostos, não excludentes, mas complementares.

A dinâmica lexical, no âmbito dos fatores externos, depende principalmente da evolução das necessidades comunicativas da sociedade que a usa, e esta evolução se encontra diretamente relacionada ao crescimento intelectual, social e econômico dessa mesma sociedade.

Essas novas unidades lexicais se não desaparecerem, desneologizar-se-ão, ou seja, integrar-se-ão ao léxico geral da língua. A dicionarização pode representar a continuidade de seu uso, consequentemente, a sua integração no acervo lexical do português.

A grande parte dos neologismos tem sua origem em formas linguísticas pré-existentes ligadas a determinadas noções e utilizadas em novas formações lexicais, estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores. Os vocábulos novos podem ser formados a partir de processos autóctones ou por adoção de um item lexical de outra comunidade linguística.

A produtividade lexical do processo derivacional por prefixação, em muitos casos, decorre de um desejo de economia discursiva por parte do falante/emissor porquanto uma frase negativa, expressa por uma palavra formada por prefixação, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa; da mesma forma são os casos do emprego de elementos prefixais seguidos de substantivos exercendo uma função adjetiva.

Podemos interpretar esse procedimento lexical como um indício de que a formação lexical segue uma tendência natural da língua em favor da economia expressional.

Já na formação lexical por composição, a justaposição imediata é bem mais produtiva do que a justaposição mediata; a estrutura justaposta por substantivo mais substantivo (subst. + subst.) pode ser considerada como o modelo de estrutura morfológica mais produtiva entre todas as estruturas compostas de caráter neológico.

Na formação lexical por aglutinação, os neologismos são formados por truncação linguística de bases autônomas e não-autônomas que se aglutinam, ocorrendo perda mórficas e/ou gráfica em um ou mais elementos que constituem a nova palavra.

A produtividade lexical dos processos de formação dos compostos tem na justaposição sua fonte mais produtiva na criação de neologismos. Acreditamos que essa fecundidade léxica pode ser interpretada como uma tendência linguística, na qual há um favorecimento à formação lexical em que não ocorra perda mórfica entre os constituintes da nova palavra, em favor de regras linguísticas conservadoras inerentes à língua, com a finalidade de assegurar a conservação desse sistema linguístico.

Além da derivação e da composição, também, são registrados na formação neológica da língua portuguesa outros mecanismos lexicais menos gerais na formação e/ou criação de novos vocábulos. Embora menos importantes, também contribuem para a ampliação e/ou renovação do léxico português.

A acrossemia é um desses processos de formação vocabular menos gerais e bastante frequente na formação de palavras novas na linguagem jornalística escrita.

Essa produtividade lexical, nesse gênero de linguagem, é previsível, uma vez que o citado mecanismo linguístico consiste em um processo moderno e generalizado na imprensa periódica. Podemos relacionar a grande fecundidade lexical da acrossemia ao dinamismo da linguagem jornalística que exige o máximo de

informações com um número mínimo de palavras. Dessa forma, motivando o uso de formações acrossêmicas como as siglas e os acrônimos.

Atualmente, as instituições são menos conhecidas por suas denominações completas do que pelas siglas e/ou pelos acrônimos correspondentes, em virtude da não-necessidade do usuário da língua de reconhecer, em muitos casos, a forma plena subjacente à forma acrográfica. Essas formas lexicais, uma vez criadas e vulgarizadas, passam a ser reconhecidas como palavras primitivas, inclusive formando derivados.

Além da acrossemia, podemos detectar a formação lexical por redobro, esse mecanismo apresenta uma produtividade regular na mídia escrita. Trata-se de um procedimento de formação neológica que se caracteriza pela exploração do efeito semântico-visual decorrente da repetição lexical, com a finalidade de acentuar o aspecto durativo do citado processo de formação neológica.

Os neologismos formados por redobro podem apresentar uma repetição parcial ou total. O surgimento dessas novas unidades a partir da repetição total (ou reduplicação) de bases é mais fecundo lexicalmente do que por meio da repetição parcial.

O usuário da língua ao criar um neologismo tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, neologismando, criando e/ou formando novas unidades lexicais, quer pelos processos autóctones, quer pelos processos não-autóctones. Essa sensação neológica é traduzida, nos textos jornalísticos, por processos visuais como as aspas, o tipo de letra, a presença ou ausência do hífen, entre outros, que visam realçar o resultado da criatividade lexical na modalidade de língua escrita.

Muitos dos neologismos cairão no esquecimento e não serão mais lembrados, enquanto outras formações lexicais, dentro de algum tempo, não mais serão percebidas como novas, devendo ser incorporadas ao léxico da Língua Portuguesa do Brasil. E, ainda, as renovações e/ou inovações da produtividade lexical do Português atual, variante usada no Brasil, devem ser entendidas apenas como uma amostra limitada do que esse tema pode proporcionar, se pesquisado mais amplamente. Essa limitação é, no entanto, imposta pela própria amplitude e largueza da temática do trabalho ora realizado.

O surgimento de novas unidades lexicais na língua está vinculado às inovações do mundo, isto é, a comunidade evolui, consequentemente evolui também

seu sistema linguístico, já que ao léxico corresponde o nível linguístico mais diretamente ligado à realidade extralinguística pelas necessidades surgidas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 5. Ed. São Paulo: Global, 2009.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo:**criação lexical. São Paulo:Ática, 1990.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Sairava, 1985.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical.** 8. ed. São Paulo:Ática, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lucerda, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filosofia e linguística.** São Paulo: T. A. Queiroz / Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-45.

BUENO, Francisco da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Linguagem jornalística:** aspectos inovadores. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco - Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: LEXIKON, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia.** 5. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro:Lucena, 2007

.

ISQUERDO, Aparecida Negri.; KRIEGER, Maria da Graça. (orgs). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. v. II Campo Grande: EDUFMS, 2004.

_____; OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires. **As ciências do léxico***:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS, 1998.

KATAMBA, Francis. **Morphology**. Houndmills :The Macmillan Press, 1993.

LIMA, Rocha, **Gramática normativa da língua portuguesa.** 38. ed. Rio de Janeiro:J. Olympio, 2000.

MATORÉ, G . **La méthode en lexicologie.** 2. ed. Paris: Didier, 1972.

MELO, P. A. G. de. Relevância do estudo do latim e sua Derivação Portuguesa na Formação do estudante dos cursos de Letras Clássicas e Vernáculas. In: SILVA, Eliane Bezerra da; MELLO, Janaina Cardoso de (org). **Literatura, História e Linguagens**: Diálogos possíveis. João Pessoa: EDUFPB, 2008. pp. 29-37.

_____; BRITO, Bartolomeu Melo. A incompreensão da acrossemia como fator condicionante à inadequação conceitual e à imprecisão terminológica nas aulas de português na educação básica. In: SILVA, Eliane Bezerra da; MELLO, Janaina Cardoso de (org). **Diversidade cultural**: Universidade e etnias negra e indígina em Alagoas possíveis. João Pessoa: EDUFPB / UNEAL, 2009. pp. 29-37.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

NUNES, José Horta. IN: GUIMARÃES, Eduardo (org). **A Palavra e a Frase.** Campinas, SP, Pontes Editores: 2006.

SILVA, José Pereira da. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro:Edição do Autor, 2010.